

Há um espectro a rondar pela Europa — o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa se coligaram para uma batida sagrada a este espectro, o Papa e o Czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e polícias alemães.

Onde está o partido de oposição que não tenha sido difamado pelos seus adversários do governo como comunista, onde está o partido de oposição que não tenha arremessado de volta aos membros mais progressistas da oposição, tal como aos seus adversários reaccionários, o ferrete infamante do comunismo?

Duas coisas resultam deste facto.

O comunismo já é reconhecido como uma potência por todas as potências europeias.

É mais do que tempo de os comunistas exporem abertamente perante o mundo inteiro a sua maneira de ver, os seus objectivos, as suas tendências, contrapondo à fantasia do espectro do comunismo um manifesto do próprio partido.

Com este fim, comunistas das mais diversas nacionalidades reuniram-se em Londres e redigiram o seguinte manifesto, que é publicado em língua inglesa, francesa, alemã, italiana, flamenga e dinamarquesa.

I. Burgueses e proletários⁵

A história de toda a sociedade até aos nossos dias⁶ é a história de lutas de classes.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo da gleba, burguês das corporações e oficial, em suma, exploradores e explorados, sempre estiveram em oposição uns contra os outros, conduziram um combate ininterrupto, ora escondido, ora aberto, um combate que terminou sempre com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com a ruína conjunta das classes em luta.

Nas épocas históricas anteriores, encontramos quase em todo o lado uma completa estratificação da sociedade em diferentes estados, uma hierarquia variada de posições sociais. Na velha Roma, temos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores feudais, vassallos, burgueses das corporações, oficiais, servos da gleba e, além disso, em quase todas estas classes, outras hierarquias específicas.

A moderna sociedade burguesa, nascida do desmoronamento da sociedade feudal, não eliminou as contradições de classe. Limitou-se a colocar novas classes, novas condições de opressão, novas configurações da luta, no lugar das anteriores.

A nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. Toda a sociedade se cinde cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes, que se confrontam directamente uma com a outra: burguesia e proletariado.

⁵ Entende-se por burguesia a classe dos capitalistas modernos, que são proprietários dos meios de produção sociais e exploram o trabalho assalariado. Entende-se por proletariado a classe dos modernos trabalhadores assalariados que, visto que não possuem meios de produção próprios, dependem da venda da sua força de trabalho para viver. [Nota de Engels à edição inglesa de 1888.]

⁶ Isto é, mais exactamente, a história transmitida *por escrito*. Em 1847, a pré-história da sociedade, a organização social que precedeu toda a história escrita, era ainda praticamente desconhecida. Desde essa altura, Haxthausen descobriu a propriedade colectiva do solo na Rússia, Maurer demonstrou que foi essa a base social em que assentaram

Dos servos da gleba da Idade Média saíram os homens-bons das primeiras cidades; a partir deste grupo dos homens-bons, desenvolveram-se os primeiros elementos da burguesia.

A descoberta da América, a circum-navegação da África, proporcionaram à burguesia em ascensão um novo campo de actividade. O mercado das Índias Orientais e o mercado chinês, a colonização da América, o trato com as colónias, a multiplicação dos meios de troca e das mercadorias em geral deram ao comércio, à navegação, um ímpeto nunca antes conhecido, proporcionando, assim, um rápido desenvolvimento ao elemento revolucionário no seio da sociedade feudal em dissolução.

O modo de produção existente feudal ou corporativo da indústria já não era bastante para a procura que crescia com novos mercados. A manufactura ocupou o seu lugar. Os mestres das corporações foram superados pela classe média industrial; a divisão de trabalho entre as diferentes corporações desapareceu, dando lugar à divisão do trabalho dentro de cada oficina.

Mas os mercados não paravam de crescer, a procura aumentava continuamente. Também a manufactura já não chegava. Foi nesse momento que o vapor e a maquinaria revolucionaram a produção industrial. A grande indústria moderna suplantou a manufactura, os milionários industriais, os chefes de exércitos industriais inteiros, os burgueses modernos suplantaram a classe média industrial.

A grande indústria gerou o mercado mundial que a descoberta da América preparara. O mercado mundial deu ao co-

historicamente todas as tribos germânicas e, pouco a pouco, foi-se percebendo que as comunidades aldeãs com propriedade comum do solo eram a forma primordial da sociedade da Índia à Irlanda. Finalmente, a organização interna desta sociedade comunista primitiva foi posta a nu na sua forma típica pela descoberta decisiva de Morgan da verdadeira natureza da *gens* e da sua posição na tribo. Com a dissolução destas comunidades primitivas, começa a divisão da sociedade em classes específicas e, finalmente, opostas entre si. [Nota de Engels à edição inglesa de 1888 e à edição alemã de 1890.] Tentei analisar este processo de dissolução em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, segunda edição, Estugarda, 1886. [Nota de Engels à edição inglesa de 1888.]

mércio, à navegação, às comunicações terrestres, um impulso incalculável. Este, por sua vez, influenciou a expansão da indústria e, à medida que a indústria, o comércio, a navegação, os caminhos-de-ferro, se iam expandindo, a burguesia ia-se desenvolvendo, multiplicando os seus capitais, empurrando todas as classes tradicionais da Idade Média para segundo plano.

Vemos, assim, que a burguesia moderna é ela própria produto de um longo processo evolutivo, de uma série de transformações do modo de produção e de troca.

Cada um destes estádios de desenvolvimento da burguesia foi acompanhado por um progresso político correspondente. Estado oprimido sob o domínio dos senhores feudais, associação armada e a administrar-se a si mesma na comuna⁷, aqui, república urbana independente, além, terceiro estado da monarquia, sujeito a impostos, mais tarde, na época da manufatura, contrapeso da aristocracia na monarquia feudal ou absoluta, pedra angular das grandes monarquias em geral, ela conquistou, finalmente, desde a criação da grande indústria e do mercado mundial, no moderno Estado representativo, o domínio político exclusivo. O moderno poder de Estado não é senão um comité que gere os negócios comuns de toda a classe burguesa.

A burguesia desempenhou um papel extraordinariamente revolucionário na história.

Lá onde conquistou o poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Rompeu implacavelmente os laços feudais variegados que ligavam as pessoas aos seus

7 “Comuna” era a designação que as cidades nascentes davam a si mesmas em França, mesmo antes de conseguirem arrancar aos seus senhores e mestres feudais a administração local e os direitos políticos enquanto “terceiro estado”. Em termos gerais, referimos aqui a Inglaterra como país típico do desenvolvimento económico da burguesia e a França para o seu desenvolvimento político. [Nota de Engels à edição inglesa de 1888.]

Era assim que os homens-bons das cidades da Itália e da França designavam a sua comunidade urbana depois de terem comprado ou extorquido os primeiros direitos de auto-administração aos seus senhores feudais. [Nota de Engels à edição alemã de 1890.]

superiores naturais e não deixou ficar nenhum laço entre elas senão o interesse puro e duro, o frio “pagamento a contado”. Afogou os estremecimentos sagrados do êxtase piedoso, do entusiasmo cavalheiresco, da melancolia pequeno-burguesa, na água gelada do cálculo egoísta. Dissolveu a dignidade pessoal no valor de troca e substituiu as inúmeras liberdades garantidas e duramente conquistadas por uma liberdade de comércio sem escrúpulos. Numa palavra, substituiu a exploração mascarada por ilusões religiosas e políticas pela exploração indistinta, desavergonhada, directa, brutal.

A burguesia roubou a auréola a todas as actividades tradicionalmente honradas e vistas com um respeito piedoso. Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência, nos seus trabalhadores assalariados.

A burguesia arrancou à relação familiar o seu véu sentimental e reduziu-a a uma pura relação monetária.

A burguesia revelou como a brutal manifestação de força que a reacção tanto admira na Idade Média encontrava o complemento adequado no torpor mais inerte. Só ela demonstrou o que a actividade dos seres humanos é capaz de criar. Realizou milagres muito diferentes das pirâmides egípcias, canalizações romanas e catedrais góticas, levou a cabo expedições muito diferentes das invasões bárbaras e das cruzadas.

A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção, isto é, as relações de produção, isto é, o conjunto das relações sociais. Inversamente, a manutenção inalterada do antigo modo de produção era a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. A transformação constante da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a insegurança e movimento perpétuos, distinguem a época da burguesia de todas as outras. Todas as relações fixas anquilosadas, com o seu cortejo de concepções e ideias vetustas, se dissolvem, todas as relações novas caducam antes de poderem fossilizar. Todos os elementos de hierarquização social e de estabilidade

se esfumam, tudo o que é sagrado é profanado, e as pessoas vêem-se, finalmente, forçadas a encarar a sua posição na vida, as suas relações recíprocas, com um olhar lúcido.

A necessidade de ampliar cada vez mais a venda dos seus produtos faz a burguesia precipitar-se por todo o globo terrestre. Tem de se instalar em toda a parte, lançar raízes em toda a parte, estabelecer relações em toda a parte.

Com a sua exploração do mercado mundial, a burguesia deu uma forma cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países. Para grande pena dos reaccionários, tirou à indústria o chão nacional de debaixo dos pés. As indústrias nacionais antiquíssimas foram aniquiladas e continuam a ser aniquiladas todos os dias. Cedem o lugar a novas indústrias, cuja implantação se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, a indústrias que já não transformam matérias-primas locais, mas matérias-primas que pertencem às zonas mais remotas e cujos produtos já não são consumidos no próprio país, mas em todas as partes do mundo. Em vez das velhas necessidades satisfeitas pela produção do país, surgem novas necessidades, que reclamam ser satisfeitas por produtos vindos dos mais distantes países e climas. Em vez da velha auto-suficiência e isolamento surgem relações universais, uma dependência universal das nações umas das outras. E o que se passa na produção material, passa-se, de igual forma, na produção intelectual. Os produtos intelectuais de cada nação tornam-se propriedade comum. A particularidade e estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis e da multiplicidade das literaturas nacionais e locais nasce uma literatura mundial.